

A Ética entre Antonio Pedro de Figueiredo e Pedro Amorim Vianna

Prof. Antonio Gasparetto Júnior

(Mestrando em História – UFJF – Juiz de Fora – MG - Brasil)

gasparetto@demolay.org.br

Resumo: O presente artigo tem como objetivo avaliar os pressupostos de moral e ética apresentados por dois importantes intelectuais. O primeiro deles, Antônio Pedro de Figueiredo, é um pensador brasileiro que viveu no nordeste do país e ganhou notoriedade por traduzir textos do filósofo francês Cousin. Sua orientação ideológica tornou-se marcante através da edição de uma revista sob sua organização, *O Progresso*, creditando-lhe prestígio e marcando-o como importante membro da chamada corrente eclética espiritualista. Já o segundo pensador, Pedro de Amorim Vianna, é um português. Considerado por muitos como o primeiro filósofo profissional de Portugal, o intelectual ficou conhecido e tornou-se respeitado por suas concepções apresentadas acerca da relação entre fé e ciência, tema de seu único livro. Assim, tentamos traçar alguns apontamentos que se assemelham e que se distanciam no impacto causado pelo pensamento e pela obra de cada pensador.

Palavras-Chave: Antônio Pedro de Figueiredo; Pedro Amorim Vianna; ética.

1. Considerações iniciais

A Ética é a disciplina da Filosofia que faz a análise racional dos costumes para apontar seus fundamentos, com capacidade de validar suas ações e esclarecer seus objetivos. A cultura Ocidental tem raízes em duas correntes éticas, a proporcionada pelos gregos – pais da filosofia – e a de origem judaico cristã, que vão permear e fundamentar os costumes das sociedades até nossos dias, tendo como núcleo das reflexões a noção de pessoa humana.

Este artigo tem como objetivo identificar e explorar as noções de ética desenvolvidas no pensamento de dois intelectuais do século XIX. Um deles é o português Pedro Amorim Vianna e o outro é o pernambucano Antonio Pedro de Figueiredo. Para alcançar nosso propósito, dividimos o texto em três partes.

A primeira parte do texto faz uma introdução à Ética. Apontamos a origem da disciplina e o trajeto por ela percorrido ao longo dos séculos. Ressaltamos, para o Ocidente, a importância do pensamento grego e do pensamento cristão como raízes culturais e que, durante a Idade Média, vão se fundir gerando novas reflexões. Levamos esse processo de desenvolvimento do debate sobre ética até a Península Ibérica, criando o ambiente de reflexão no qual estaria inserido Pedro Amorim Vianna, e também ao Brasil, para compreender o panorama histórico das abordagens sobre o tema que daria o fundamento para inserção de Antonio Pedro de Figueiredo.

Na segunda parte do texto, apresentamos um perfil biográfico e intelectual de Pedro Amorim Vianna. O português, nascido em 1822, demonstrou-se muito interessado com a relação entre religião e ciência, o que resultou, inclusive, em seu único livro publicado. Oferecemos um pouco

mais de reflexão sobre as importantes ideias de Amorim Vianna, encorpando as abordagens já apresentadas por Eduardo Soveral e António Braz Teixeira.

Já a terceira parte do texto é dedicada ao pensador brasileiro Antonio Pedro de Figueiredo. O pernambucano de origem humilde ficou conhecido pela tradução ao português de um livro do intelectual francês Victor Cousin. Mas não só isso marcou sua produção; foi também editor de revista com circulação em Recife e colaborador de vários jornais. Sua inquietude também residia na relação entre ciência e fé, acreditava que não haveria uma divisão entre as duas. Nesse sentido, nosso texto busca engrossar os estudos sobre Figueiredo, discutindo com os trabalhos de Inácio Strieder e de Tiago Adão Lara, que é autor do maior estudo sobre o pensador pernambucano.

Assim, objetivamos relacionar pensamentos semelhantes de pensadores contemporâneos, porém distanciados geograficamente.

2. Uma breve introdução à ética

A Ética é uma disciplina filosófica cuja criação é atribuída ao grego Aristóteles, o qual a organizou como o estudo dos costumes. Foi a sociedade grega na qual estava inserido o pensador que iniciou um movimento de busca racional para os assuntos que antes eram tratados como questões resolvidas pela herança religiosa. Como parte da Filosofia, a Ética se desenvolveu através dos homens que haviam perdido o encanto divino e buscavam preencher as lacunas deixadas pelos deuses para explicar as múltiplas abrangências da vida.

José Maurício de Carvalho (2010, p. 20) explica que a ética grega fazia uma reflexão sobre os costumes das cidades com o intuito de buscar fundamentos racionais para justificá-los ou rejeitá-los. Logo, a ética é considerada uma meta-moral, ou seja, uma análise racional dos acontecimentos. A moral, por sua vez, é o conjunto de normas sobre as quais se debruça o filósofo. Embora a origem etimológica seja comum para ética e moral, a diferença se afirmou na medida em que a tradição filosófica separou a validação dos costumes de uma reflexão mais ampla sobre os fundamentos da ação.

Sócrates foi um grande colaborador para o desenvolvimento das questões relacionadas à Ética, mas, como dito no início do texto, Aristóteles recebe o título de grande fundador. Isso porque os aspectos fundamentais de ética apresentando o bem como o objetivo das ações humanas na obra *Ética a Nicômaco* (2001), marcaram a vida da Antiga Grécia influenciando formulações mais elaboradas sobre moral.

O reflexo do pensamento aristotélico não foi sentido apenas na Antiga Grécia, mas tornou-se

efetivamente uma grande base para o desenvolvimento de todo o pensamento Ocidental. O resultado foi a concepção de dois modelos éticos, tidos como raízes, desenvolvidos na história do Ocidente: o aristotélico e o judaico cristão. A Bíblia dos judeus também representou elemento significativo para o desenvolvimento do pensamento ético na história da humanidade.

A raiz cristã do pensamento ético é baseada também na prática de costumes considerados corretos e com finalidade de viver em paz com Deus. Seguir os mandamentos religiosos faria da moral cristã o caminho para se alcançar a vida eterna, uma retribuição concedida por Deus pela conduta. A fidelidade nos costumes e a crença da conquista da felicidade ao se salvar a alma não tinha restrições, permitindo, assim, castigar o corpo, caso necessário.

A Idade Média recebeu como herança cultural do Ocidente a forma de pensar dos gregos, a moral cristã e o ordenamento jurídico dos romanos (CARVALHO, 2010, p. 143). Da junção desses elementos é possível explicar as práticas e costumes de um período profundamente marcado pela religiosidade, pela rigidez nas condutas e o domínio da explicação dos fatos da vida. Coube a Tomás de Aquino a elaboração do principal modelo ético medieval, o qual associou o ideal de felicidade e a prática das virtudes dos gregos com os ensinamentos encontrados no evangelho.

Tomás de Aquino foi um padre dominicano que viveu no século XIII. Naturalmente, sendo um período tão marcado pelo domínio do pensamento cristão no Ocidente, as inovadoras reflexões sobre ética saíram da Igreja Católica. O dominicano era um pensador destacado e suas reflexões geraram uma nova onda de impacto sobre o pensamento Ocidental ao subordinar as virtudes gregas aos objetivos religiosos da Cristandade.

O advento da Idade Moderna trouxe novas abordagens para o pensamento ético. O principal fator que desenvolveu tais questionamentos foi a divisão da cristandade por conta da Reforma Protestante. Até então, o pensamento Ocidental recebia grande influência das formulações do religioso Tomás de Aquino, que, por sua vez, buscava nas elaborações gregas a sua base. A pessoa assume valor central da sociedade, mas seu entendimento não seria mais explicado unicamente pela orientação para o céu.

O período compreendido entre os séculos XVI e XVIII ofereceu profundas mudanças à Europa que alteraram concepções existentes anteriormente. As alterações incluem elementos como o Renascimento, que retoma ideias da Antiguidade Clássica; as descobertas geográficas, que modificaram as noções sobre Terra e Universo; a divisão na Igreja, em que cada parte reclamava para si a correta interpretação da palavra divina; e a ciência moderna, que questiona radicalmente as crenças milenares através do desenvolvimento dos métodos empíricos. O somatório de elementos

como esses proporcionou um resultado que favoreceu ao desenvolvimento do individualismo e da afirmação da razão humana, multiplicando as teorias éticas que, em muitos casos, entravam em contradição com os próprios fundamentos do cristianismo. Os filósofos modernos passaram a viver em um ambiente de pluralismo religioso com nova organização social e política, o que levou os assuntos morais para fora do âmbito das igrejas.

A Península Ibérica também recebeu o impacto ocorrido no restante da Europa que repercutiu em uma nova abordagem racionalista sobre Deus, no século XVI. José Maurício de Carvalho (2010, p. 43) explica que a discussão foi reduzida a um produto da razão que seguia uma lógica linear. Logo, o modelo ético apontava a felicidade verdadeira como aquela vivida no céu, estabelecendo este mundo como um lugar de sofrimento. O pensamento ibérico se afastou gradualmente da opção humanista em voga no continente europeu e consolidou a crença entre os moralistas dos seiscentos de que a felicidade verdadeira só seria alcançada através da renúncia aos desejos humanos, combatendo a riqueza e o sexo.

A ética em Portugal apontava para um caminho muito radical até receber a reação da obra do Marquês de Pombal que introduziu um ambiente mais favorável para se pensar a existência humana. Marquês de Pombal foi um destacado estadista português no século XVIII que atuou durante o reinado de Dom José I como Secretário de Estado do Reino. Indivíduo carismático, aproximou Portugal de uma realidade mais avançada realizando reformas administrativas, econômicas e sociais. Seu pensamento representa a base do iluminismo português na medida em que estimulou o estudo da ciência experimental e das teses filosóficas empiristas, embora não tenha retirado o pensamento religioso da moral e tenha mantido as doutrinas constitucionais liberais distantes da política.

Após o período de Marquês de Pombal, a cultura lusitana não aderiu ao núcleo da moralidade moderna. A tradição de aproximar moral à religião permaneceu após as reformas, já que o debate ético não foi estimulado como em outras partes da Europa. Pedro Amorim Viana, um dos pensadores que abordamos em nosso texto em caráter comparativo, é justamente um dos filósofos mais destacados no período que se seguiu ao pombalino.

No Brasil, destaca-se a figura do Visconde de Cairu como importante estudioso da ética. As ideias do economista, historiador, jurista e político brasileiro, que viveu na segunda metade do século XVIII e primeira metade do século XIX, ajudam a entender os impasses herdados da tradição portuguesa. Mas é preciso destacar também a atuação do pensador português Silvestre Pinheiro Ferreira que viveu no país durante o processo de independência e que influenciou profundamente a

filosofia brasileira.

As reflexões filosóficas brasileiras se organizaram em torno do homem, da política e da ciência. E é nesse contexto que se insere nosso outro pensador abordado, Antonio Pedro de Figueiredo, que em muito contribuiu para a evolução do debate ético no país recém-independente.

José Maurício de Carvalho (2010, p. 90), afirma que Portugal e Brasil não construíram uma moral social laica como foi experimentada em outros lugares do Ocidente. Neste contexto, Pedro Amorim Viana, em Portugal, e Antonio Pedro de Figueiredo, no Brasil, aparecem com reflexões significativas no que tange ao desenvolvimento do pensamento ético e à questão religiosa.

3. Pedro Amorim Vianna

Filho de Maria Felizarda O'Neill, da alta burguesia endinheirada e de uma origem aristocrática de origem estrangeira, e de João António de Amorim, o qual acrescentou o sobrenome Vianna para se distinguir de outros Amorins suspeitos de judaísmo, Pedro Amorim Vianna nasceu no dia 21 de dezembro de 1822 na cidade de Lisboa, Portugal. Sua formação inicial se deu no colégio secundário Dom Pedro de Alcântara, em Paris. Sua estadia em tal instituição de ensino lhe proporcionou certo distanciamento emocional à ortodoxia católica. Em seguida, Pedro Amorim Vianna regressou a Portugal e cursou Matemática e Filosofia na Universidade de Coimbra.

A carreira profissional do pensador português foi dedicada ao ensino. Inicialmente, foi Professor de Lógica no Liceu Nacional de Lisboa e, depois, se transferiu para a Academia Politécnica do Porto, onde atuou como Lente de Matemática. Entretanto, por conta de sua grande inteligência e pouca aptidão para sociabilidade, Vianna teve uma vida conturbada na Academia. Envolveu-se em vários incidentes relacionados à hierarquia, aos colegas de trabalho e aos alunos. Foi então que, em 1852, fundou a revista *A Península* e, daí por diante, passou a escrever também para vários jornais da época.

Antonio Paim (2007, p. 16) argumenta que a filosofia portuguesa se formou em torno da conceituação da divindade na formulação elaborada pelo pensador Sampaio Bruno e foi Pedro Amorim Vianna que deu início a uma renovação na tradição da meditação filosófica em Portugal nos séculos XIX e XX (PAIM, 2007, p. 172). Enquanto isso, António Braz Teixeira (2011) destaca Pedro Amorim Vianna como uma das mais importantes figuras do pensamento especulativo português no século XIX, classificando-o como o iniciador de um ciclo contemporâneo. Por sua vez, Eduardo Abranches Soveral também identifica Vianna como um dos mais significativos pensadores do século XIX por abordar temas gnosiológicos, metafísicos e ético-jurídicos

(SOVERAL, 1990 p. 290-291). Soveral chama Pedro Amorim Vianna de primeiro filósofo português pelo fato do pensador ter assumido em termos existenciais e sociais tal condição. Sua posição é também de pioneiro que por ter introduzido no contexto cultural português temas especulativos autônomos (*Idem*, 1990 p. 296).

O pensamento de Pedro Amorim Vianna está expresso nos artigos que publicou em sua revista, entre os anos de 1852 e 1853, e no único livro que publicou, *Defesa do Racionalismo ou Análise da Fé*, datado de 1885. Com uma base de referências especialmente marcada por Platão, Espinosa, Leibniz e Kant, Vianna apresenta uma feição racionalista e espiritualista. João Paulo Vaz (S/D, p. 430) lamenta que a obra de Pedro Amorim Vianna tenha sido quase que esquecida durante muito tempo, uma vez que seu livro é fundamental na filosofia portuguesa do século XIX.

A grande preocupação de Pedro Amorim Vianna sempre foi a questão da razão. O elemento central de seu pensamento é a relação entre fé e razão. Buscando respostas para a religiosidade, a ideia de Deus, não concordava com uma oposição, mas acreditava que a razão e o sentimento moral forneciam o caminho para uma revelação mais completa e profunda de Deus (TEIXEIRA, 2011). Sua reflexão abriu a discussão sobre o tema em Portugal.

Defesa do Racionalismo ou Análise da Fé é um livro no qual o autor defende a metafísica e a necessidade do conhecimento de Deus. Vianna tem uma visão otimista sobre o desenvolvimento da razão, acreditando que, para dominar as paixões, é preciso de uma iluminação especial. Ao mesmo tempo, não se preocupa com a total redução da fé à razão porque o mal não era provido de existência real, cujo caminho para superação seria o de Deus. A vida humana seria feita de sucessões de nascimentos e mortes marcadas por um processo de aperfeiçoamento para se aproximar da perfeição divina. A religião ocuparia a lacuna da incapacidade da razão para salvação da alma. Assim, o racionalismo de Pedro Amorim Vianna é uma oposição ao reducionismo positivista, já que a ciência é incapaz de abordar a totalidade.

O filósofo português é um defensor da vida vivida em plenitude e com toda sua intensidade, sendo guiada por princípios éticos orientando o progresso moral e esclarecida pela razão (VAZ, S/D, p. 432). António Braz Teixeira (2011) destaca, contudo, que é um opositor do sensismo da geração anterior e também do positivismo e do materialismo, pois entende a filosofia como parte do espírito humano.

O livro de Vianna discute questões como: a crença no incompreensível, a moral, os dogmas e os milagres. Todos esses elementos são permeados pelas reflexões que desenvolve em torno da relação entre fé e razão. Podemos ainda dizer que a obra de Pedro Amorim Vianna constitui-se

numa Filosofia da História na qual todos os seres tendem a Deus. Segundo Vianna, fé e razão associadas dariam as condições necessárias para o aperfeiçoamento moral do homem de tal forma que levariam ao desaparecimento do clero e do governo quando reconhecessem Deus como único orientador e mestre interior.

Ao debater a moral, Pedro Amorim Vianna (1885, p. 61) diz que essa coloca o homem em contato direto com a divindade, ocasião em que não é preciso ciência ou raciocínio. No pensamento do filósofo há um fundamento espiritualista que deve ser preservado e é determinante. Por isso, pretende evitar a anulação do sentido de transcendência que pressente no determinismo positivista (VAZ, SD, p. 430-431). Ele diz: “O homem, que nas práticas de uma devoção puramente exterior, se esquece totalmente do céu, está muito submerso no charco de imundas paixões para que anseie pelas brisas puras da moralidade” (VIANNA, 1885, p. 9). Chega a ser ortodoxo quando fala dos valores morais, da necessidade de aperfeiçoamento do homem, da origem divina da Igreja e da supremacia de Deus.

Todavia, Pedro Amorim Vianna também apresenta sua feição heterodoxa que transparece quando relativiza a própria ortodoxia, nega a possibilidade de milagre e quando diz que aceita a Igreja, contanto que seja permitida a liberdade e a crítica (VIANNA, 1885, p. 233). Em suas palavras: “Para nós, a fé ou a adesão do espírito à verdade não difere da convicção racional. Estabelecer dois estados, um de fé, outro de ciência, nos parece uma pretensão ilegítima da parte dos teólogos” (*Ibidem*, p. 13). Mais adiante, conclui seu raciocínio dizendo que a religião penetra na filosofia naturalmente, de forma espontânea e irrefletidamente (*Ibidem*, p. 233).

Vianna ainda se preocupa com a natureza e o sentido dos dogmas católicos, demonstrando-se desconfortável com a progressiva racionalização dos mesmos por um prisma ético. Sua defesa é no sentido de que os dogmas se desenvolvem sempre baseados em preceitos morais, o que os torna importantes na medida em que sua compreensão é significativa para regeneração individual e social (VAZ, S/D, p. 430). O discurso alegórico dos dogmas é fundamental para o mal que também é desprovido de uma existência real na sociedade.

Pedro Amorim Vianna construiu um discurso ético em Portugal no século XIX unindo fé e razão para o aperfeiçoamento moral dos homens na busca por Deus. Estruturou um pensamento no qual acredita ser possível construir a metafísica a partir da ciência, deixando marcas de uma Filosofia da História que orienta no sentido da liberdade. Esta que só seria encontrada na medida em que os homens combatessem o mal, que não se constitui de maneira real, através da prática do bem e do aperfeiçoamento moral, sendo que, a religiosidade propagada pela Igreja forneceria o

preenchimento fundamental de progresso da alma que a ciência não seria capaz de oferecer. Por essas reflexões, Pedro Amorim Vianna esteve entre os mais importantes pensadores portugueses do século XIX e foi iniciador de uma corrente metafísica seguida por vários outros filósofos.

4. Antonio Pedro de Figueiredo

Antonio Pedro de Figueiredo nasceu na Villa de Iguarassú, província de Pernambuco. Há uma divergência nas referências da data de seu nascimento, muito se diz que ocorreu no ano de 1822, entretanto, de acordo com registros em seu nome por ocasião de seu falecimento em 21 de agosto de 1859, o mais provável parece ter sido que o nascimento se deu no ano de 1814. O mulato de origem humilde estudou no Convento do Carmo, em Recife, e depois foi Professor no Ginásio Pernambuco. Foi nesta ocasião que o jovem pensador se envolveu com a obra de Victor Cousin. Após a primeira leitura feita dos textos do francês, Antonio Pedro de Figueiredo se empenhou em traduzir um de seus trabalhos, *Curso de História da Filosofia Moderna*, o que lhe rendeu notoriedade. Todavia, sua origem pobre e sua aparência mulata rendeu-lhe, por parte dos críticos, o apelido de Cousin Fusco.

O trabalho de traduzir outros pensadores não parou por aí. Além da obra de Cousin, Figueiredo traduziu também *As Sete Cordas da Lira*, de George Sand, e *Da Soberania do Povo e dos Princípios do Governo Republicano Moderno*, de Ortolan (PAIM, 2007, p. 100). Mas, sem dúvida, foram as ideias do pensador francês Cousin que influenciaram especialmente Antonio Pedro de Figueiredo, pelo menos durante uma fase de sua vida e de sua produção.

Victor Cousin – que foi filósofo, político, reformador educacional e historiador francês, foi também líder da Escola Eclética – é a referência de Antonio Pedro de Figueiredo que traz a segurança no pensar. É responsável por refazer a tradição metafísica do Ocidente na medida em que restabelece a fé no valor da razão humana. Cousin é, para Figueiredo, o alicerce que permite a meditação sobre o homem dotado de liberdade, sobre a vida política e sobre a relação entre filosofia e ciência (LARA, 2001, p. 78). É no historicismo cousiniano de inspiração hegeliana que Antonio Pedro de Figueiredo irá se basear durante algum tempo.

O pernambucano colaborou com vários jornais de Recife e foi afastado do Ginásio Pernambuco, onde lecionava, na época da publicação da primeira edição da revista na qual era editor, *O Progresso*. Este periódico, que elaborou, ficou em circulação entre julho de 1846 e setembro de 1848 em Recife. Foi a partir de 1849 que a estabilidade financeira e intelectual de Antonio Pedro de Figueiredo se fez visível. Na década seguinte, entre 1852 e 1859, Figueiredo

colaborou semanalmente no jornal *Diário de Pernambuco*.

Antonio Pedro de Figueiredo viveu o ciclo da ampla adesão da espiritualidade brasileira ao espiritualismo de inspiração eclética. Na fase inicial, a discussão girava em torno do conhecimento e, na fase seguinte, ganhou destaque a questão da moral.

Ricardo Vélez Rodríguez (2010, p. 16) aponta que a corrente eclética brasileira, que se desenvolve no decorrer do século XIX, busca respostas para as questões da consciência e da liberdade, problemas que foram deixados pelo empirismo mitigado. Tal discussão teria sido importante para consolidar a ideia de nação, em primeiro lugar, e para dar fundamento à prática da representação política, em segundo lugar. O debate se construiu a partir das bases de Silvestre Pinheiro Ferreira no qual os pensadores procuraram fornecer uma resposta de caráter espiritualista à problemática do homem.

Esse contexto destaca a influência da filosofia francesa no pensamento brasileiro, servindo como inspiração para a formulação do ecletismo espiritualista no Brasil. São as obras de Maine de Biran e de Victor Cousin, traduzido por Antonio Pedro de Figueiredo, que aparecem em destaque. Antonio Paim (2011, p. 2) ressalta que

O grande mérito da Escola Eclética consiste em haver atraído espíritos criativos nos quais havia sido infundida uma acepção adequada da filosofia – separando-a nitidamente da religião e também da ciência – e não um grupo devotado a macaquear alguns pensadores franceses.

O ciclo que marca a fundação da Escola Eclética está compreendido entre os anos de 1833 e 1848. É um momento no qual permanece a questão do conhecimento e temos como representantes Antonio Pedro de Figueiredo, Gonçalves de Magalhães e Salustiano José Pedrosa, por exemplo. Figueiredo não foi devidamente considerado pela Filosofia no Brasil durante muito tempo, foi Gilberto Freyre quem atribuiu destaque ao pensador pernambucano da corrente eclética espiritualista na década de 1840. Só assim ganhou notoriedade, sendo reconhecido como um precursor das preocupações sociais do liberalismo (PAIM, 2007, p. 100). Há alguns trabalhos sobre o pensador, embora poucos, sendo de grande destaque os estudos de Tiago Adão Lara (2001).

A Escola Eclética deixou algumas lacunas das quais se aproveitaram alguns críticos na década de 1870. Antonio Pedro de Figueiredo não chegou a integrar a produção cultural e intelectual da Escola do Recife que tinha como líder o sergipano Tobias Barreto, mas pode-se dizer que sua vigorosa filosofia foi sua precursora (STRIEDER, 2011).

Antonio Pedro de Figueiredo apresenta como ponto de partida o reconhecimento da

existência de uma tensão universal, acreditando haver uma polaridade capaz de tudo explicar. Nesse sentido, tenta encaminhar seus pensamentos para a descoberta do equilíbrio como elemento para o progresso. Possui uma crença romântica no progresso que estaria na mensagem cristã, dotada de um projeto pedagógico para aprimoramento dos homens e da convivência social. Seu progresso estaria no plano providencial e acreditava que Pernambuco e o Brasil possuíam uma vocação histórica a desempenhar.

O pensador pernambucano tenta compreender o grande processo de constituição da obra humana, buscando a melhor forma de organização para a sociedade e entendendo que a existência é uma tensão entre o homem e o que o é exterior. Para Antonio Pedro de Figueiredo, parecia possível conciliar as conquistas da razão humana com as conquistas da “razão católica” (LARA, 1998, p. 10). Era convicto de que não havia uma oposição entre esses elementos, mas, sim, uma espécie de continuidade. Finalmente, em 1852, chegou à conclusão de que poderia ser cristão e também moderno (LARA, 2001, p. 112).

Tiago Adão Lara (2001, p. 78) aborda muito bem as fases apresentadas por Antonio Pedro de Figueiredo. Na década de 1840, a revista *O Progresso*, organizada por Figueiredo, parecia ser uma nova etapa na cultura nacional, abria um espaço no pensamento brasileiro até então de cunho católico-medieval. É o momento em que lança mão da problemática ética entre filosofia e ciência e atribui à primeira princípios sobre os quais se erigir. Foi um crítico social e buscou rever algumas teses da Escola Eclética brasileira.

Na década de 1850, Figueiredo colabora com o *Diário de Pernambuco*, entre 1852 e 1859, e revela uma mudança na problemática. O pernambucano passa a relegar ao segundo plano as questões do conhecimento e privilegia as questões da fundamentação da moral. O forte erguimento da questão da moral ganha espaço na medida em que, segundo Antonio Paim (2007, p. 105), o ecletismo espiritual não conseguia mais apaziguar todos os espíritos.

A superação do ecletismo espiritual por parte de Antonio Pedro de Figueiredo parece ter vindo na fase em que escrevia o folhetim *A Carteira* com o pseudônimo Abdalah-el-Kratif, entre setembro de 1855 e agosto de 1859, ano de seu falecimento. Nesta fase, Figueiredo deixa de lado a influência de Victor Cousin e aflora as influências do pensamento cristão. Tiago Adão Lara (2001, p. 111) ressalta que há uma confrontação prática e implícita entre o pensamento cristão e o pensamento moderno de Antonio Pedro de Figueiredo.

As ideias de Figueiredo se desenvolveram em vários sentidos nas décadas de 1840 e 1850. Suas atividades como Professor, redator e tradutor demonstraram sua marcada presença entre os

membros da Escola Eclética, recebendo influência diretamente do francês Victor Cousin. Eventos políticos foram fundamentais para alterar e influenciar seus pensamentos também. Encerrou a publicação da revista *O Progresso* com o fim da Revolução Praieira e, no início da década de 1850, chegou a travar um debate com Pedro Autran da Mata sobre o socialismo. Entretanto, é sua postura em relação ao debate sobre moral corrente na mesma década que nos chama mais a atenção aqui. Na discussão sobre ética, Antonio Pedro de Figueiredo defende a possibilidade de ser moderno e cristão ao mesmo tempo. Acredita não haver oposição entre religião e fé, mas uma relação importante para fortalecer o progresso da humanidade, como apresentado anteriormente.

5. Considerações finais

O desenvolvimento da razão humana, a ciência empírica, repercutiu fortemente nas sociedades Ocidentais a partir da Idade Moderna. Tomás de Aquino já havia coligado a influência grega com a doutrina cristã na Idade Média, mas o significativo avanço das reflexões Renascentistas desencadeou novos questionamentos sobre a ética e as relações entre religião e ciência. O homem ganhou papel destacado na resposta de algumas questões apresentadas.

Portugal e Brasil não desenvolveram argumentações éticas baseadas em uma moral laica. A tradição religiosa permaneceu intensa nos dois casos e criaram os ambientes para introdução das questões do conhecimento. Pedro Amorim Vianna e Antonio Pedro de Figueiredo demonstram a natureza do incômodo existente ao não se desenvolver debates não filiados à religiosidade como aconteceu em outros lugares da Europa.

Vianna e Figueiredo são intelectuais contemporâneos que, em linhas gerais, refletem sobre as mesmas questões: fé e ciência. Embora tenham vivido em um mesmo período e comungado de argumentações semelhantes, não tivemos acesso a nenhum documento em que um pensador faça menção ao outro. O diálogo com europeus por parte de Antonio Pedro de Figueiredo foi intenso, haja vista seu trabalho na tradução de obras de intelectuais do Velho Mundo e também sua marcante influência de Victor Cousin, porém sem indicativos das ideias específicas de Vianna.

A ideia de progresso esteve muito presente nas reflexões dos dois pensadores abordados. Vianna chega a nos apresentar uma base de Filosofia da História na medida em que acredita em um progresso romântico pavimentado pela religião. Figueiredo, ao mesmo tempo, também não exime a importância da ciência e do conhecimento, une esses elementos na defesa de um cristão moderno. O pernambucano, que possui fases diversas, organiza e publica, inclusive, uma revista com o nome *O Progresso*.

Também o final da vida de Vianna e de Figueiredo é semelhante. O primeiro edita seu único livro no qual desenvolve suas ideias sobre a relação entre ciência e fé. O livro *Defesa do Racionalismo ou Análise da Fé* sintetiza suas críticas aos que acreditam haver uma divisão entre religião e conhecimento empírico. Mas reforça, sobretudo, que o progresso é conquistado através dos dois elementos, sendo a fé responsável pela consolidação moral do homem. A obra de Vianna é significativa para as gerações seguintes de filósofos que vão discutir questões sobre a metafísica.

Já Figueiredo, que tem seu pensamento disperso em vários textos de jornais e revistas, chega aos anos finais de sua vida escrevendo no folhetim *A Carteira*. É justamente a fase em que o pernambucano coloca em primeiro plano a questão da moral e deixa mais clara sua influência cristã na elaboração de uma ética para o progresso. Tal como Vianna, aproxima ciência e religião e não confere aos dois elementos caráter de independência. Não chega a viver para integrar as reflexões da famosa Escola de Recife, mas sua filosofia é marcante para influenciá-la nas décadas seguintes.

Podemos ressaltar como elemento diferencial na postura de Vianna e Figueiredo a postura tomada em relação à Igreja. Enquanto Figueiredo não apresentava nenhum questionamento abordando a instituição, Pedro Amorim Vianna argumentava que sua ideia de progresso eliminaria a necessidade da Igreja, e também do Estado, à medida que o homem evoluísse moralmente, se aproximasse da divindade.

Vianna e Figueiredo, tão próximos na formulação ética que confere legitimidade ao relacionamento entre fé e razão para o progresso humano, não podem ser esquecidos ou ignorados na história da filosofia de seus respectivos países. A relevância da obra intelectual de ambos, por algum tempo deixada de lado, é notória para representar as inquietudes e os caminhos traçados pela ética no século XIX e, cada qual, se faz refletir em elaborações continuadas que vão marcar o pensamento filosófico do final do século e início do século XX.

Referências:

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret, 2001.

BERNARDO, Luís. *Os Milagres, a Ciência e Pedro Amorim Vianna*. Disponível em: <http://oholoscopio.blogspot.com/2007/04/os-milagres-cincia-e-pedro-amorim-viana.html>, acessado em 17 de agosto de 2011.

CARVALHO, José Maurício de. *Ética*. São João del-Rei: Editora UFSJ, 2010.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DO PENSAMENTO BRASILEIRO. *Antonio Pedro de Figueiredo*. Disponível em:

http://www.cdpb.org.br/dic_bio_bibliografico_figueiredoandtonio.html, acessado em 19 de agosto de 2011.

LARA, Tiago Adão. *As Raízes Cristãs do Pensamento de Antônio Pedro de Figueiredo*. Londrina: Editora UEL, 2001.

_____, Tiago Adão. *Tradicionalismo Católico em Pernambuco*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco – Editora Massangana, 1988.

PAIM, Antonio. As Filosofias Nacionais. In: *Estudos Complementares à História das Ideias Filosóficas no Brasil* – Vol. II. Instituto de Humanidades, 2007.

_____. Periodização e Cronologia da Escola Eclética no Brasil. In: *Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro* (<http://www.cdpb.org.br>). Acessado em: 20 de junho de 2011.

_____. *História das Ideias Filosóficas no Brasil*. Vol. II – As Correntes, 6ª edição revista. Londrina: Edições Humanidades, 2007.

RODRÍGUEZ, Ricardo Vélez. *Panorama Histórico e Bibliográfico da Filosofia Brasileira*. In: <http://www.ecsbddefesa.com.br/defesa>. Juiz de Fora: UFJF, 2010.

SOVERAL, Eduardo Abranches. A Situação de Amorim Vianna (1822-1901) na História da Filosofia Portuguesa. *Revista da Faculdade de Letras: Filosofia*, série II, vol. 7, 1990.

STRIEDER, Inácio. *Antonio Pedro de Figueiredo: um filósofo para além de seu tempo (1822-1859)*. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/artigos/1808214>, acessado em 19 de agosto de 2011.

TEIXEIRA, António Braz. Pedro de Amorim Vianna. In: *Filosofia Portuguesa*. Site: <http://cvc.instituto-camoes.pt/filosofia/rep3.html>, acessado em 17 de agosto de 2011.

VAZ, João Paulo V. Guerreiro. Pedro Amorim Vianna. In: *Estudos Críticos e Recensões*. Porto: S/D.

VIANNA, Pedro Amorim. *Defesa do Racionalismo ou Análise da Fé*. 3 ed. Porto: Casa de A.R. da Cruz Coutinho, 1885.

VIDE EDITORIAL. *Defesa do Racionalismo ou Análise da Fé, de Amorim Vianna*. Disponível em: <http://www.videeditorial.com.br/dicionario-obras-basicas-da-cultura-ocidental/d-e/defesa-do-racionalismo-ou-analise-da-fe-de-amorim-viana.html>, acessado em 17 de agosto de 2011.

The Ethics Between Antonio Pedro de Figueiredo and Pedro Amorim Vianna

Abstract: This article aims to evaluate the assumptions of morality and ethics presented by two leading intellectuals. The first, Antônio Pedro de Figueiredo, is a Brazilian thinker who lived in the Northeast and gained notoriety for translating texts from French philosopher Cousin. His Ideological orientation became marked by publishing a magazine by your organization, *The Progress*, crediting prestige and marking him as an important member of the current calling eclectic spiritualist. The second thinker, Pedro Amorim Vianna, is

a Portuguese. Considered by many as the first professional philosopher of Portugal, the intellectual became respected for his views presented about the relationship between faith and science, the subject of his only book. So, we try to draw some notes about what is similar and the impact by thought and work of each thinker.

Keywords: Antônio Pedro de Figueiredo; Pedro Amorim Vianna; ethics.

Data de Registro: 22/05/2011

Data de aceite: 13/07/2011